



## Indígenas na Web: da oralidade aos bytes<sup>1</sup>

Carlos Fábio Morais GUIMARÃES<sup>2</sup>  
Luiza Elayne Correa AZEVEDO<sup>3</sup>

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam)  
Universidade Federal do Amazonas (Ufam)

### Resumo

É cada vez mais crescente o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) pelas etnias indígenas. Percebe-se que a internet possibilita esses povos consolidar novos territórios comunicacionais e relacionais, por meios de *sites* ou *blogs* produzidos por eles. O objetivo desse artigo é verificar a inserção digital de duas etnias indígenas do Estado do Amazonas para refletir se os acessos realizados por esses indígenas às TIC lhes permitem manifestar suas culturas, suas histórias e a produção de conteúdos interativos que os levem a uma inclusão social. A metodologia utilizada para esse trabalho será o levantamento das referências bibliográficas e a análise do conteúdo existente no site e no blog.

**Palavras-chave:** Tecnologias em Informação e Comunicação; indígena, cultura; site; blog

### Resumen

Es cada vez más crecente el uso de las Tecnologías de la Información y Comunicación (TIC) por las etnias indígenas. Se observa que la internet posibilita a eses pueblos consolidar nuevos territorios comunicacionales y relacionales, por medios de sitios o *blogs* producidos por ellos. El objetivo del presente trabajo es verificar la inserción digital de dos etnias indígenas del Estado de Amazonas para reflexionar si los accesos realizados por eses indígenas a las TIC les permiten manifestar sus culturas, sus historias y la producción de contenidos interactivos que os lleven a una inclusión social. La metodología utilizada para ese trabajo será el levantamiento de las referencias bibliográficas y el análisis del contenido existente en el sitio y en el blog.

**Palavras-chave:** Tecnologias em Informação e Comunicação; indígena, cultura; site; blog

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania - GP Mídia, Cultura e Tecnologias Digitais na América Latina do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando em Ciências da Comunicação da Ufam (PPGCCOM), email: [cfguima@hotmail.com](mailto:cfguima@hotmail.com).

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora Doutora do Curso de Comunicação Social da Ufam, email: [luindia@uol.com.br](mailto:luindia@uol.com.br)



## Introdução

Programas de rádio que podem ser ouvidos na internet, no portal [www.programadeindio.org](http://www.programadeindio.org) por meio do Projeto “Programa de Índio – História e histórias”, idealizado pela Fundação *Ikoré* – projetos culturais e artísticos, em parceria com o Núcleo de Cultura Indígena possibilita a digitalização e recuperação deste importante acervo, com duzentos programas que construíram a primeira experiência radiofônica de povos indígenas do Brasil. (PAPIANNE, 2009)

O *site* “Índios on Line” é um portal de diálogo intercultural, que valoriza a diversidade, facilitando a informação e a comunicação para sete nações indígenas: *Kiriri*, *Tupinambá*, *Pataxó-Hãhãhãe*, *Tumbalalá na Bahia*, *Xucuru-Kariri*, *Kariri-Xocó* em Alagoas e os Pankararu em Pernambuco e para a sociedade em forma geral “...” Os índios se conectam a internet em suas próprias aldeias, realizando uma aliança de estudo e trabalho em benefício de suas comunidades com objetivo de facilitar o acesso à informação e a comunicação para diferentes nações indígenas. (THYDÊWÁ, 2010)

É cada vez mais significativo o acesso dos indígenas às tecnologias em informação e comunicação (TIC), em especial, relacionada ao uso da internet. No Brasil, *sites* de etnias dos *Kaxixó*, *Xavante*, *Krenak*, *Pataxó*, *Ticuna*, *blogs*, redes sociais ou *sites* pessoais como a da indígena Eliana Potiguara são alguns exemplos nacionais dessa apropriação digital.

É internet presente vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, no ano todo, causando mudanças no comportamento, história e cultura desses povos.

No meio dessa transformação - da tradição da cultura oral, geralmente intensa e a que ainda prevalece - para um universo “cibercultural”, de velocidades gigantescas e mudanças vertiginosas são necessárias reflexões sobre os impactos advindos com essa tomada tecnológica por esses grupos.

Indagações tais, se os acessos desses povos às TIC estão lhes permitindo manifestar suas culturas, reivindicar seus direitos e contar suas histórias, enquanto usuários e produtores de conteúdos de informação, ou se a inclusão digital não está alcançando seu viés máximo que seria uma inclusão social desses grupos socialmente marginalizados, são alguns questionamentos de uma dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCCOM) da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), a qual que analisa um *site* (<http://www.ogptb.org.br>), produzido pela Organização Geral dos Professores Ticunas Bilíngües (OGPTB), etnia localizada na região do Alto Solimões no Estado do Amazonas e um *blog*



(<http://pamaali.wordpress.com/o-blog>), da etnia *Baniwa*, localizado na região do Alto Rio Negro, da mesma região e Estado.

Por se tratar de uma pesquisa em andamento, os resultados para este estudo ainda estão sendo obtidos. Por isso, este artigo se propõe a discutir em torno do acesso desses povos na internet, subsidiados pelos teóricos do virtual.

Primeiramente, fazendo uma abordagem sobre os estudiosos Santaella (2003); Lévy (1996); Lemos (2008) e pesquisadores das transformações comunicativas como Castells (2003) e Di Felice (2005). Em seguida, explorando algumas informações do site e blog a serem pesquisados. Por fim, serão apresentadas algumas considerações sobre os tópicos debatidos neste trabalho.

### **A revolução da Comunicação Digital**

Santaella (2009) chama atenção para a necessidade de se distinguir os seis tipos de lógicas culturais já existentes: a oral, a impressa, a cultura de massas, a cultura das mídias e a cibercultura.

E nesse sentido, a estudiosa destaca:

São formações culturais resultantes de gradativa introdução histórica de novos meios de produção, armazenamento, transmissão e recepção de signos no seio da vida social. Longe de se excluírem mutuamente, é cumulativa e integrativa a tendência dos meios de produção e sistemas de signos que lhe são correspondentes (SANTAELLA, 2009, p.7)

Então, os novos meios chegam e mesclam-se com os anteriores até a constituição de um tecido cultural complexo e acabam sempre se tornando mais visíveis, dominando a cena cultural.

Para a estudiosa, “a chegada dos novos meios leva os anteriores a uma refuncionalização e provoca, posteriormente, uma reacomodação geral na ecologia midiática” (SANTAELLA, 2009).

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), sem dúvida, está gerando novos meios de produção e propagação de fatos culturais. O novo meio predominante – a internet – proporciona uma disseminação rápida de informações.

Para Lévy (1996) no ciberespaço, emissor e receptor vivenciam o mesmo momento da comunicação. A interatividade é plena e as informações não têm limites.



Isto facilita a desterritorialização das informações nas redes digitais. “Fizeram emergir informações sem fronteiras, sem interioridade definível, detalhamentos e análise dos assuntos”. (LÉVY, 1996).

Nesse sentido, como observa Lévy (2008), a cibercultura não é uma negação a oralidade ou da escrita, ela é um complemento destas. Ainda segundo o teórico, não se deve confundir cibercultura com uma subcultura particular, a cultura de uma ou algumas “tribos”. Ao contrário, a cibercultura é a nova forma de cultura.

Um estudo recente (Lemos 2008) revela que a cibercultura emerge das novas relações entre a cultura contemporânea associada às tecnologias de informação e comunicação. Nesse sentido, as tecnologias tornam-se vetores de novas formas de agregação social.

A nova imersão de informações sem fronteiras, sem espaços físicos definidos, implementadas pela internet trouxe consigo uma nova perspectiva para a sociedade no geral.

Organizações ou pessoas de interesses comuns se agrupam, a partir desse novo meio, independente da localização geográfica, em comunidades virtuais, dando a seus membros um grande poder de interatividade e de comunicação. Castells (2003) propõe que:

A Era da Internet foi aclamada como o fim da geografia. De fato, a Internet tem geografia própria, uma geografia feita de redes e nós que processam fluxos e informações gerados e administrados a partir de lugares. Como a unidade é a rede, a arquitetura, a dinâmica de múltiplas redes são as fontes de significado e função para cada lugar. O espaço de fluxos resultante é uma nova forma de espaço, característico da Era da Informação, mas não é desprovida de lugar: conecta lugares por redes de computadores telecomunicadas e sistemas de transporte computadorizados. (CASTELLS, 2003, p.170).

No que tange ao “espaço”, o que antes era estático e usualmente concebido em um único espaço de tempo, na atualidade pode ser visto diversas vezes, por diversos ângulos diferentes e, até mesmo, de forma individualizada.

Não são mais as tradições orais que se encarregam de transmitir os conhecimentos e as experiências de geração para geração, mas sim, cada vez mais, o vasto arquivo de informações gerado e difundido pela mídia, assim como, o que se sabe sobre os acontecimentos mundiais que têm origem midiática.

Vargas, Santos e Cardoso (2009) verificam que a apropriação da tecnologia – softwares que possibilitam a criação de *sites* ou *blogs* e equipamentos, a exemplo da câmera



digital e do telefone celular – por indivíduos ou grupos organizados, possibilita que se tornem produtores e disseminadores de informação e cultura.

A produção de conteúdos possibilita o reforço das identidades culturais, dá voz a grupos sociais e étnicos que normalmente não tem acesso aos meios de comunicação.

A partir da tomada das TIC pelos indígenas brasileiros, grupo social historicamente situado a margem da sociedade, eles passam a produzir e veicular imagens, textos e sons que modificam cada vez mais os seus espaços de inserção social inaugura-se uma fase de atuação desses povos marcada pela auto-representação.

Di Felice (2005, informação verbal) salienta que:

Desde as formas de diplomacia até a participação em instituições internacionais, os índios iniciaram uma intensa e diversificada ação informativa que vai da criação audiovisual à construção de *sites* e redes sociais digitais.

Os indígenas percebem as tecnologias de comunicação não como uma ameaça colonizadora sugerida pelo senso comum, mas como um meio de contato e informação. Domingues (2006) explica que os indígenas têm uma semiótica própria que pode ser entendida como um conhecimento que analisa símbolos e significados dentro de uma determinada cultura.

O contexto posto é desafiador, pois a imagem de índio presente no imaginário popular brasileiro ainda é àquela que estereotipa um indivíduo com arco e flecha nas mãos, pintado e um “cocar” de penas na cabeça.

Todavia, o que se percebe é que com apropriação tecnológica por parte desses povos, por conseguinte, da comunicação digital, os sujeitos indígenas reelaboram suas identidades culturais, a partir dos diferentes tipos de culturas existentes na internet.

O que nos leva a refletir se eles estão se incluindo digitalmente ou se está havendo mais exclusão do que inserção, ou ainda se o fenômeno da hibridação cultural atende somente a questão de comercializar seus artefatos secularmente conhecidos.

### **A presença indígena na *web* no Estado do Amazonas.**

O Amazonas é o estado brasileiro com maior população indígena do país, com aproximadamente 120 mil indivíduos, distribuídos em 66 etnias com, aproximadamente, 29 línguas existentes diferentes do português.



Todavia, com uma participação ainda incipiente no ciberespaço. Não sendo realizados estudos estatísticos que demonstrem o número de *sites* indígenas existentes no Amazonas. Chamamos atenção, para dois conteúdos digitais presentes na *web* que se destinam à educação.

O primeiro é um site da etnia Ticuna, produzido pela Organização Geral dos Professores Ticunas Bilíngües (OGPTB), uma entidade que atua há mais de vinte anos no Alto Solimões, nos municípios de Benjamin Constant, Tabatinga.

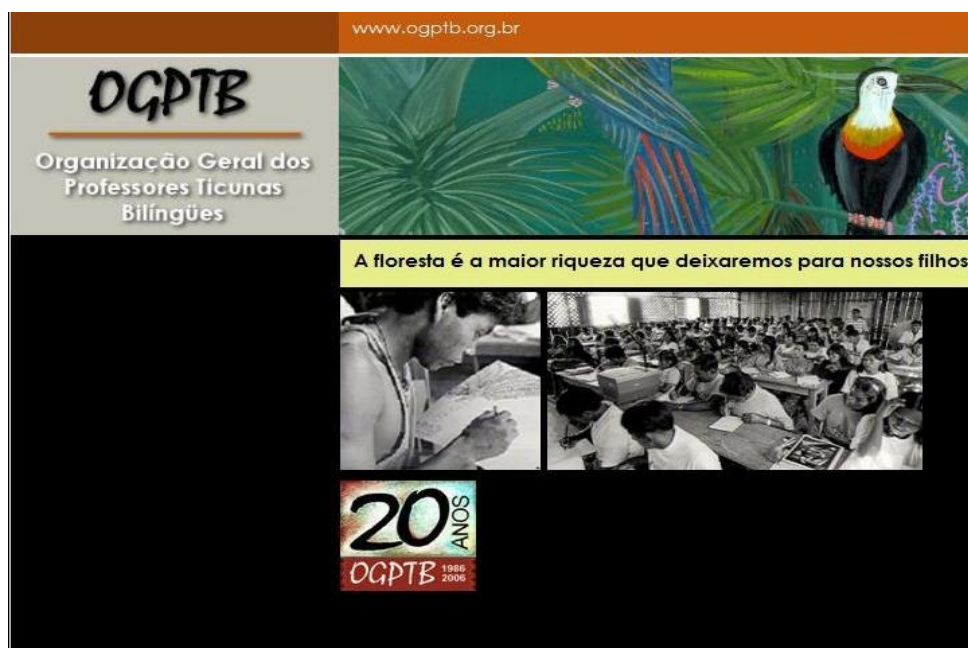


Figura 1: Site da OGPTB  
Fonte: (<http://www.ogptb.org.br>)

Os Ticuna configuram o mais numeroso povo indígena na Amazônia brasileira. Estão localizados na Região do Alto Solimões – AM, nos municípios de Tabatinga, Benjamin Constant, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antônio do Içá e Tonantins. Sua população está distribuída em mais de 20 Terras Indígenas.

A página da “Organização Geral dos Professores Ticunas Bilíngües” (OGPTB) é caracterizada pela Web 1.0, fase inicial da internet, na qual não se possibilita uma interatividade maior, nem sequer um “fale conosco”.

Infelizmente, a página não é atualizada. Não se tem informações de quando foi posta no ar, porém, por meio de vários acessos, hipotetiza-se que seu conteúdo continua sendo o mesmo da sua concepção.





Estamos no aguardo de informações da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), instituição que mantém parceria e prestação de serviços na área de docência acadêmica com a etnia, para obter mais informações sobre o site.

Colorida e com fotos, os hipertextos disponibilizam informações sobre parceiros, projetos e prêmios conquistados pela (OGPTB) durante o tempo de atuação da organização. Existem também informações sobre documentos referentes às ações desenvolvidas na área de educação por parte da etnia.

## Blog da escola Pamáali

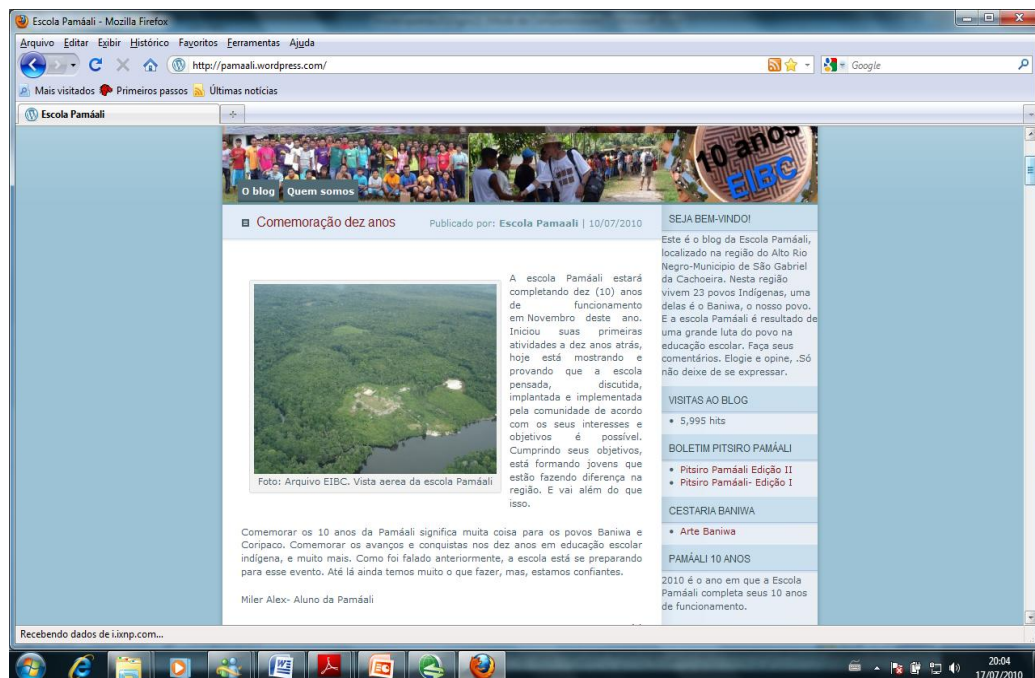


Figura 2: Blog da Escola Pamáali  
Fonte: (<http://pamaali.wordpress.com/o-blog>)

Outro caso é o *blog* da Escola Pamáali, da etnia *Baniwa*, localizado na região do Alto Rio Negro, no município de São Gabriel da Cachoeira. O *blog* também é resultado da busca crescente pela educação e também oportuniza os interessados em conhecer mais a história desse povo.

Os *Baniwa* vivem na fronteira do Brasil com a Colômbia e Venezuela, em aldeias localizadas às margens do Rio Içana, além de comunidades no Alto Rio Negro e nos centros urbanos de São Gabriel da Cachoeira, Santa Isabel e Barcelos.



A etnia indígena é exímia na confecção de cestaria de arumã, cuja arte lhes foi ensinada pelos antepassados e que hoje vem sendo comercializada no mercado brasileiro. Recentemente, têm ainda se destacado pela participação ativa no movimento indígena da região.

A página do *blog* é dinâmica e atualizada com uma estrutura digital conhecida como *Web 2.0*, pois permite a interação de depoimentos de usuários/navegadores e também possui uma seção “fale conosco” para posteriores contatos.

Em geral, as informações são sobre os eventos educativos da etnia e também sobre comemorações de datas e eventos festivos. Percebe-se, numa abordagem superficial, que há um envolvimento sólido e contínuo por parte dos indígenas que atualizam o *blog*.

### **Breves considerações**

Por se tratar de um estudo em andamento, ainda não existem resultados a serem compartilhados com o público interessado no tema. Todavia, buscou-se salientar que entre o físico e o virtual, entre os meios de comunicação antigos e os mais atuais, há uma linha tênue que os separam.

As transformações que ocorrem com o uso dos computadores e da internet devem ser vistas como um marco na sociedade em que vivemos. Elas, não se reduzem a tecnologia e nem se propõem a colocá-las em primeiro plano.

Apesar de todas essas mudanças ocorrerem no campo tecnológico, deve-se pensar nos “atores” existentes, principalmente nos considerados à margem da sociedade e uma possível inclusão social dos mesmos.

A questão indígena é um exemplo. E o estudo em desenvolvimento servirá de base para futuros trabalhos e reflexões acerca do acesso às tecnologias em informação e comunicação por parte desses povos.





## Referências

- BARBOSA, A. F. e CASTRO, C. **Comunicação Digital**: educação, tecnologia e novos comportamentos. 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 2008.
- CASTELLS, M. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- LEMONS, A. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 4 ed. Porto Alegre; Sulina, 2008.
- LÉVY, P. **O que é virtual**. São Paulo: Editora 34, 1996.
- SANTAELLA, L. Cultura e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.
- SANTOS, E. R. VARGAS, H. CARDOSO, J.B. **Mutações da Cultura Midiática**. 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Os Ticunas**. Disponível em:  
<<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/ticuna/1350>>. Acesso em: 9/6/10.
- \_\_\_\_\_. **Os Baniwa**. Disponível em:  
<<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/baniwa/1324>>. Acesso em: 9/6/10.
- PEREIRA, E. **Ciborgues indígenas@s**: a presença nativa no ciberespaço. Brasília: Editora da Unb, 2007.
- POLISTCHUCK, I. **Teorias da Comunicação**: o pensamento e a prática da Comunicação Social. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003 – 9ª impressão
- \_\_\_\_\_. **@ Índios on line**. Disponível em:  
<<http://www.indiosonline.org.br/novo/quem-somos/>>. acesso em 10/07/10
- \_\_\_\_\_. **Overmundo. Programas de rádio na Internet**. Disponível em:  
<<http://www.overmundo.com.br/overblog/programas-de-radio-indigena-na-internet>> acesso em 10/07/10